

*Reaprender a prática do cuidar.
Caim e Abel: metáfora sobre o fratricídio*

*Relearning the practice of caring.
Cain and Abel: a metaphor for Fratricide*

Resumo

Se houve um modelo econômico proposto pelo governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), esse sistema pode ser identificado como anarcocapitalismo. Todas as peças do tabuleiro, todas as engrenagens clássicas de um regime democrático da filosofia e do direito político no ato de governar, foram mexidas ou destruídas no desejo de instaurar a política biocida do bolsonarismo. Antigos ideários fascistas – *Deus, Pátria e Família* – foram reeditados e apresentados ao público como uma novidade contida nos planos governamentais. Recuperada a normalidade democrática, na eleição presidencial de outubro de 2022, coube ao novo governo reconstruir, não somente a própria máquina administrativa, como reordenar significativos programas sociais. O artigo revisita a clássica narrativa **bíblica** dos irmãos Caim e Abel, exposta em Gn 4,1-26, e ousa comparar o fratricídio imposto ao irmão Abel com a política genocida realizada no Brasil, em plena pandemia do COVID-19, no lastro trágico da cifra de 712.720 óbitos acumulados.

Palavras-chave: COVID-19, Caim e Abel, Carta ao Povo de Deus, Fratricídio.

Abstract

If there was an economic model proposed by ex-president Jair Messias Bolsonaro's government (2019-2022), that system can be identified as anarcho-capitalism. Every piece on the board, every fundamental gear of a democratic regime of philosophy and political rights in the act of governing were moved or destroyed in the desire of instituting the biocide politics of bolsonarism. Old fascist ideation – God, Homeland and Family – was remodeled and presented to the public as innovation on the government plan. Once the democratic normalcy was restored, in the presidential elections of October 2022, the responsibility fell to the new government to rebuild not only the administrative machinery, but to reorder significant social programs. This paper revisits the biblical narrative of the Brothers Cain and Abel, stated in Gn 4, 1-26, and ventures to compare the fratricide imposed to brother Abel to the genocidal politics

¹ Assessor da Campanha da Fraternidade e da Pastoral Fé e Política, Regional Sul I da CNBB. Doutor em Teologia Bíblica (PUC-Rio) e leciona teologia bíblica na Faculdade de Teologia ITESP, SP. E-mail: acfrizzo@uol.com.br

performed in Brazil, during the COVID-19 pandemic, which amounted to the tragic number of 712,720 accumulated deaths.

Key-words: COVID-19, Cain and Abel, Letter to the People of God, Fratricide.

1. Introdução

Ninguém, em plena consciência, apostava na ascensão de Jair Bolsonaro, na corrida rumo ao Palácio do Planalto, vitorioso em 2018, com 55,13% dos votos válidos, superando, no segundo turno, Fernando Haddad, que completou a eleição com 44,87% dos votos válidos.

A imagem de ser um político antissistema foi muito bem produzida e vendida. Sua campanha eleitoral foi marcada por fortes bravatas, uso do discurso religioso, do moralismo tradicional em defesa dos valores da família. O recurso aos velhos jargões, que relembram o fascismo de Mussoline, é retomado como ideia essencial de programa de governo: Deus, Pátria e Família. A promessa de ser “o diferente”, “o novo”, aos poucos, no andar da carroagem de seu governo, foi facilmente desmentido. Utilizou artilharias de Fake News e surfou nas falcaturas da Operação Lava Jato – uma operação política e jurídica que ocasionou a prisão de seu mais forte oponente, na época, Lula, ex-presidente entre os anos de 2003 a 2011.

Subida a rampa do palácio, mantendo-se no governo, pelo período constitucional de quatro anos, Bolsonaro ao chegar aos dois anos de seus governo, já acumulava a marca oficial com de 56 pedidos de impeachment e outros mais podem ser protocolados.²

O presidente, não somente demonstru-se um mentiroso compulsivo, como também, por seu hábito fino de mandrião disfarçado, revelou-se inepto na administração dos desafios vividos pela sociedade brasileira. Administrou, mas para qual grupo? Fez declarações, mas beneficiando quais setores e grupos sociais? Há quem o compare ao mito da confusão, da divisão e da morte. Aos mais achegados ao universo religioso, esse ser mitológico é chamado pelo conhecido título de “demônio”, “satanás” ou “diabo”. Sinônimos para definir um gênio com poderes maus que se manifestam na vida das pessoas. Sim, no trono, na cadeira mais cobiçada assenta-se alguém que representa esse poderio mitológico vindo ao mundo somente para confundir, dividir e matar (BETTO, 2020, p. 18).

Há sobra de adjetivos quando alguém ousa acompanhar, ainda por breves momentos, as falas, os projetos, as posturas do ex-presidente. Sobram adjetivos: burro, ignorante, acéfalo, conservador, fascista, racista entre outros. Mas xingamento não faz luta política e, muito menos, avanço democrático; pode muito, aliviar o fígado e diminuir por certo tempo a pressão arterial.

² Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/busca?termo=56%20pedidos%20de%20impeachment/>. Acessado: 6 maio 2024

Não faltou dinheiro, mas o governo esteve disposto a despejar os recursos em outras áreas. Relecou os flagelos das comunidades indígenas Ianomâmis, na região norte do país. Demarcações das terras quilombolas e indígenas foram completamente ignoradas. Estinguiu-se ministérios e levou a ferro e fogo a pauta neoliberal. Apostou no quanto pior melhor. Adotou, como saída para a crise, somente projetos de privatizações e a entrega das reservas bioenergéticas do país. Ao mercado tudo, aos trabalhadores, aos pobres nada. Ou melhor, aos pobres operários o pior: retirada de direitos sociais inaugurados pela aprovação da PEC 55, também conhecida por pec do fim do mundo, ao proibir, nos próximos 20 anos, investimentos na esfera da saúde, educação e moradia. Sente gozo ao indicar para secretarias de governo e conselhos de direitos pessoas que afrontam movimentos feministas, igualdade de gênero, preservação do meio ambiente, negritude, LGBTQI+, educação etc.

Em um manifesto intitulado *Carta ao povo de Deus*, um grupo formado por 152 bispos católicos, fez um verdadeiro ato profético denunciando as mazelas e desleixos com os reais sofrimentos que assolam, há décadas, os pobres brasileiros³. Acenamos seis aspectos do manifesto que consistem em saber por qual motivo o governo inflama uma parcela de seu eleitorado – cerca de 30% - e aposta no quanto pior melhor:

- 1.1 “No plano econômico, o ministro da economia desdenha dos pequenos empresários, responsáveis pela maioria dos empregos no País, privilegiando grandes grupos econômicos que nada produzem”.
- 1.2 O país “atravessa um dos períodos mais difíceis da sua história, comparado a uma tempestade perfeita. Crise de saúde sem precedentes, colapso da economia e profunda crise política de governança”.
- 1.3 “Incapacidade e inabilidade do Governo Federal em enfrentar essas crises”. As reformas feitas só pioraram a “vida dos pobres, desprotegeram vulneráveis, liberaram o uso de agrotóxicos, afrouxaram o controle do desmatamento e, por isso, não favoreceram o bem comum e a paz social”.
- 1.4 “O desprezo pela educação, cultura, saúde e pela diplomacia também nos estarrece. Esse desprezo é visível nas demonstrações de raiva pela educação pública; no apelo a ideias obscurantistas... na falta de sensibilidade para com os familiares dos mortos pelo novo coronavírus e pelos profissionais da saúde, que estão adoecendo nos esforços para salvar vidas”.
- 1.5 “O Governo Federal demonstra omissão, apatia e rechaço pelos mais pobres e vulneráveis da sociedade... os mais atingidos pela

³ A “Carta ao povo de Deus” pode ser encontrada em vários sites. Veja uma edição em powerpoint em www.padrefrizzo.com.br

pandemia e, lamentavelmente, não vislumbram medida efetiva que os levem a ter esperança de superar as crises sanitárias e econômicas”.

- 1.6 “Até a religião é utilizada para manipular sentimentos e crenças, provocar divisões, difundir o ódio, criar tensões entre igrejas e seus líderes... Como não ficarmos indignados diante do uso do nome de Deus e de sua Santa Palavra, misturados a falas e posturas preconceituosas que incitam ao ódio”.

Quando o assunto é despreparo na administração pública, o ex-presidente Bolsonaro passou a exemplificar o que há de pior, surfando na onda de extrama direita que paira em várias partes do mundo. O legado do ex-presidente é digno de ser timbrado como “governabilidade fratricida”, fazendo eco ao tema bíblico aqui analisado. Tal destemperamento presenciamos diante da falta de oxigênio nos hospitais em Manaus, em pleno auge da crise de Covid.

“Em hospital de Manaus, ala inteira de pacientes morre por falta de oxigênio”; “Covid-bhh19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher”.⁴ Eis o tamanho da tragédia imposta pela iniperância do governo, no modo de gerir a crise pandêmica. Uma vez questionado por jornalista sobre o grau de letalidade sanitária na região, o ex-presidente defendeu-se dizendo que o problema em Manaus é terrível, mas nos “fizemos a nossa parte”. Não temos outra constatação que não seja a de que “Jesus esteve crucificado nos sofrendores do coronavírus” (BOFF, 2020, p. 65), pela ignorância e inoperância de um governo genocida e a trágica soma de 712.720 óbitos acumulados⁵.

Cuidar tem, para o universo cristão, um senso de projeto de vida. Cuidar do próprio corpo, cuidar do corpo dos outros, cuidar dos pobres e dispensar um bom tempo para cuidar do planeta Terra são gestos, projetos de preservar a vida (BOFF, 1999, p. 83). Garantir às futuras gerações os dons doados pelo Criador (Gn 1–11). Cuidar, tal como Noé, o cultivador, logo após o dilúvio (Gn 9,20) é estar atento aos mais frágeis. O bom pastor é identificado por seu ato de zelar pelas ovelhas extraviadas, machucadas, feridas e abatidas (Ez 34,1-16; Jo 10,1-18). Eis o alerta proposto pelo Papa Francisco: cuidar das feridas da nossa gente. Cuidar daquele, daquela que tem a vida ameaçada⁶.

⁴ Disponível em: Covid-19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher | Amazonas | G1 (globo.com). Acessado 3 jun. 2024.

⁵ Dados disponibilizados pelo SUS (Sistema Único de Saúde). <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado 20 Agot. 2024.

⁶ Há uma nova abordagem no gesto de cuidar. Esse desafio ecoou mundo a fora com o alerta exposto na Encíclica *Laudato Si'*. Lançada em seu terceiro ano de pontificado, o Papa Francisco não se limita a conchamar pela preservação do planeta terra, mas, ao mesmo tempo, de modo sincrônico, combater a pobreza no mundo e suas causas. “A política e a economia tendem a culpar-se reciprocamente a respeito da pobreza e da degradação ambiental... Enquanto uns se preocupam apenas com o ganho econômico e os outros estão obcecados apenas em conservar ou aumentar o poder, o que nos resta são guerras ou acordos

Cremos que essa exigência, essencialmente humana, esteve longe dos planos de ex-presidente. Corpo humano e corpo social não se coadunaram. Podemos comprovar essa equação seguindo o rastro de destruição deixado pelo ex-governo e sua acéfala equipe de ministros. Ao contrário: sua aposta foi de quanto pior melhor para uma elite brasileira de atua no poder de gostas para o povo brasileiro e, que sempre aposta no anarcocapitalismo.

Escreve Jessé Souza ao concluir o capítulo sobre *A oposição entre mercado e Estado como expressão da luta de classes – e a classe média como fiel da balança*, que tão bem colabora no entendimento de um minúsculo grupo de ricos que vivem de gostas para o povo brasileiro quando a exigência é idelizar e construir um país soberano:

No Brasil enfim, nunca tivemos uma luta de classe de verdade, na qual os interesses das classes populares tenham se feito valer como direito. O que sempre tivemos aqui foi uma cruel e covarde opressão da classe, na qual qualquer tentativa de diminuir, por pouco que fosse, a abissal distância social redundou em golpes de Estado e em estadps de excessão. (SOUZA, 2018, p. 145).

Na trilha dos desafios impostos pelo ato de cuidar, buscamos revisitar o capítulo quatro do livro de Genesis. A narrativa é uma severa crítica à falta de cuidar de si, do outro, do mundo. Cremos que a religião segue como aparato ideológico na legitimação do poder ou do contrapoder. Nessa perspectiva, vemos na narrativa entre Caim e seu irmão Abel, uma opotuna ferramenta aos desejosos por vivenciar uma amizade social.

2. Um Javé que atua contra os injustos⁷

Depois de ser expulso do paraíso, criado por Deus, o homem se encontra diante do fenômeno da morte. Nos meandros deste fratricídio bíblico esconde-se um jogo de interesses entre grupos rivais. Pastores e agricultores se digladiam na saga pelo poder. A narrativa bíblica não faz esforço algum de esconder que o ser humano é capaz de derramar a sangue do próprio irmão sobre a terra por ele cultivada (v. 8) e, após o assassinato, desprezar a pergunta do Criador: “onde está teu irmão?” (v. 9).

O projeto de viver afastado da violência, da inveja, contemplando os saberes e sabores do Jardim do Edem, na mais plena sintonia com a natureza, com os animais e com o cosmo é desprezado. Da prática do bem, para o conhecimento e prática do mal; da vivência do amor, para o reinado da “ira” (v.5). A

espúrios, onde o que menos interessa às duas partes é preservar o meio ambiente e cuidar dos mais fracos”. Papa Francisco, *Laudato Si'*, p.198.

⁷ Encontramos o artigo de Jaldemir Vítório, *Caim de Abel: duas oferendas, duas atitudes de Deus: Uma análise narrativa de Gn 4,1-16*, já na fase conclusiva do nosso trabalho. Evidente que não o ignoramos e, mesmo, já na fase conclusiva, foi possível consultá-lo, citá-lo e inclui-lo nas referências bibliográficas, considerando sua qualidade e atualidade ao trabalhar o tema da violência.

ira chega ao ponto de o homem não se sentir responsável nem mesmo pela vida do próprio irmão. “Não sei. Sou eu por acaso o guarda do meu irmão” (v. 10).

Três descendências perpassam o texto. O documento alinhou diferentes narrativas com o intuito de demonstrar o grau de progresso civilizatório na divisão do trabalho (v. 17, 20, 21 e 22) dentro de uma sociedade marcada pela violência.

2.1 A estrutura literária

Há três genealogias presentes no texto em Gn 4⁸. Essa estrutura literária está composta em torno dos personagens Caim e Abel (Gn 4,1-16), a descendência de Caim (Gn 4,17-24) e, uma terceira genealogia, indicando a substituição do irmão Abel assassinado garantida a Set (Gn 4,25-26).

2.1.1 Gn 4,1-16: a primeira genealogia apresenta os irmãos, Caim e Abel. O primeiro trabalha como “cultivador do solo” e o segundo, “pastor de ovelhas”.

2.1.2 Gn 4,17-24: nesta genealogia, Caim é visto na base das cinco gerações e inserido na origem das cidades, onde atuam as mais diferentes profissões: construtores de cidades, artesãos de tendas, pastores, tocadores de lira, charamela e laminadores em cobre e ferro (vv. 17,20,21,22).

2.1.3 Gn 4,25-26: trata-se da genealogia apresentada em substituição a Abel. Desta geração, após o nascimento de Set, aparecerá a origem da invocação do nome do Senhor. “O primeiro a invocar a nome do Senhor” (v. 26).

Nossa preocupação está centrada nas oblações oferecidas pelos filhos de Eva e na ação violenta praticada contra o irmão mais novo, ocasionando-lhe a morte (Gn 4,1-16). Eis a narrativa.⁹

⁸ A análise de Jacques Vermeylen destaca as narrativas sobre as famílias como sendo os primeiros relatos literários na formação do Pentateuco. Esses relatos pré-exílicos se dividem em três categorias, a saber: 1) textos “eloístas” (E), 2) textos identificados por “javista salomônico” (J) e, um terceiro grupo literário reconhecido pelo acrônimo “javista davídico” (Dv). É conveniente o realce oferecido sobre as tradições familiares J e Dv. Diz o autor: “Sobre este segundo ponto, é preciso alertar que as “famílias” salomônicas (J) e davídica (Dv) ambas se preocupam com a questão do poder. Em outras palavras, cada uma delas visa provavelmente a uma situação política determinada. Os textos E, ao contrário, parecem não manter qualquer relação imediata com a luta pelo poder político”. Cf. Vermeylen, J., *As primeiras etapas literárias da formação do Pentateuco*, p. 142. In: De Pury, A (Org.), *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis, Vozes, 2002. Encontramos uma nítida listagem identificando e dividindo os relatos familiares, nesses três grupos de narrativas. Sobre a história de Caim e Abel (Gn 4,1-16), afirma Vermeylen: “Javé preferiu escolher o caçula cujo nome aliás significa “vazio, insignificante”. Apesar do homicídio, Caim não conseguirá apropriar-se da posição privilegiada do irmão: mesmo morto, Abel é ouvido por Javé e habita doravante a terra fértil, de onde o próprio Caim o expulsou”, p. 129.

⁹ Optamos por utilizar as versões bíblicas exposta na edição Nova Bíblia Pastoral, São Paulo, Paulus, 2014.

¹O homem se uniu a Eva, sua mulher. Ela engravidou e deu à luz Caim, dizendo: “Adquiri um homem para Javé”. ²Depois, deu à luz Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo. ³Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oblação a Javé. ⁴Também Abel ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. Javé olhou para Abel e sua oblação. ⁵E não olhou para Caim e sua oblação. Caim ficou muito irritado e andava de cabeça baixa. ⁶Javé disse a Caim: “Por que você anda tão irritado e de cabeça baixa? ⁷Se você agisse bem, estaria de cabeça erguida. Mas, como não age bem, o pecado está na entrada, pronto para lançar-se sobre você. É a você que ele quer, mas você pode governá-lo”. ⁸Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos sair”. E, quando estavam no campo, Caim levantou-se contra seu irmão Abel e o assassinou. ⁹Javé perguntou a Caim: “Onde está seu irmão Abel?”. Caim respondeu: “Não sei. Sou eu por acaso o guarda do meu irmão?”. ¹⁰Javé disse: “O que foi que você fez?”. O clamor do sangue do seu irmão grita por mim desde o solo. ¹¹Por isso, você está amaldiçoado pelo mesmo solo que abriu a boca para receber, de suas mãos, o sangue do seu irmão. ¹²Mesmo que você cultive o solo, ele nunca mais lhe dará sua força. Você ficará vagando e errando pela terra”. ¹³Caim disse a Javé: “Minha culpa é grande demais para eu suportar. ¹⁴Se hoje me expulsas da face do solo, de sua face também terei de me esconder, e ficarei vagando e errante pela terra. O primeiro que me encontrar, há de me assassinar”. ¹⁵Javé disse para ele: “Quem assassinar Caim, será vingado sete vezes”. E Javé colocou um sinal sobre Caim, para que não fosse assassinado por quem quer que o encontrasse. ¹⁶Caim saiu da presença de Javé e foi morar na terra de Nod, a leste do Eden.

Na rivalidade entre Caim e Abel, temos a possibilidade de analisar uma evolução do processo da divisão do trabalho entre os pastores e os agricultores. Percebemos o sentido teológico e o antropológico presentes na origem das cidades e profissões representadas pelos personagens. Realidades perpassadas pela concepção da existência da ira, do mal e do pecado.

2.2 O encontro do ser humano com a violência

A temática da violência está muito bem delineada na obra do historiador, filósofo e filólogo René Girard (1923-2015). Como poucos e com certo grau de genialidade, Girard vai além de uma síntese das análises feitas por seus significativos predecessores, como: Sigmund Freud (1856-1935), Henri Hubert (1872-1927) e Marcel Mauss (1872-1950). A pedra angular da vida humana em sociedade só persiste pela existência do “mecanismo vitimário”. Sem a existência de uma “vítima substitutiva” ou “bode expiatório” a sociedade caminha para o caos, pois o ser humano ecoa as manifestações da violência. Na relação violenta entre os irmãos Caim e Abel, esse último é transformado no pivô de todo desentendimento de crise que paira sobre Caim e, logo, deve ser eliminado. Ao analisar a morte do inocente Abel, nas trilhas do “bode expiatório”, Godoy destaca:

“A saga de Caim e Abel revela a violência fundadora com novidades relevantes em relação a outras mitologias antigas. A Bíblia denuncia o assassino e, ao mesmo tempo, protege-o para interromper a violência. O judaísmo do Primeiro Testamento é a revelação do Deus das vítimas oprimidas; ao contrário das construções mitológicas que seguem um viés autoritário do linchamento expiatório. O sagrado violento é elaborado no discurso da maioria que escolhe e condena um culpado pelo estabelecimento do caos estabelecido; o mito esconde a verdade da vítima e legitima a ideologia perversa da maioria. O deus da Bíblia narra a história a partir da vítima, anuncia a verdade do vencido, perdoa os perseguidores, mas exige sua conversão” (DE GODOY, 2021).

É possível perceber a existência de, ao menos, dois conflitos. Ao nascer Caim é apresentado por Eva, sua mãe, como um verdadeiro trunfo: “Adquiri um homem para Javé” (v. 1). Ao passo que seu irmão, Abel, ao nascer é apresentado como “pastor de ovelhas” (v.2)¹⁰. A tensão toma novos rumos com a construção **אָדָם** “o teu irmão”, três vezes (v. 9,10 e 11), entre as sete vezes citadas na narrativa. Entre os irmãos registra-se a origem do conflito: a oblação de Caim não agradara a Javé (v. 5)¹¹. A superação da preferência entre os sacrifícios ocorre com a eliminação, o assassinato do rival Abel (v. 8), ocasionando a expulsão de Caim da **אֶדֶן** “solo fértil”, longe de seu clã e entregue à própria sorte.

2.3 Oblação: liberdade que agrada a Deus

No seio familiar de irmandade – segundo grau de importância no núcleo familiar - ocorre o primeiro crime, culminando com a prática do fratricídio. Mas, notemos que há mudanças no comportamento de Caim contrapondo-o ao seu irmão Abel, que após ser preterido por Javé, já não consegue governar o pecado. O resultado é preparar uma oportuna ocasião para matar seu irmão.

As oferendas “produtos do solo” (v. 3), “as primícias e a gordura do rebanho” (v. 4), mencionados no episódio, supõem um culto organizado, considerando os tipos de oferendas apresentados ao Senhor (v. 3). Caim oferece os “produtos da terra” (v. 3) e Abel, as “primícias e a gordura do seu rebanho” (v. 4). A prática das oblações tinha como finalidade expressar a comunhão com a divindade. Ao Senhor era reservado a melhor parte das oferendas (cf. Lv 3,16).

¹⁰ Vítório acena por uma injustiça praticada por Eva ao preterir o filho Abel. “Excesso de amor a Caim, falta de consideração a Abel”. “Entretando, quem fora considerado um “vento fugaz”, afinal, será o preferido por Deus, em detrimento daquele que fora adquirido com Deus”. (VITÓRIO, 2016, p. 30). Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/138/140>. Acessado 10 jul. 2020.

¹¹ Em seu artigo “Por que falar de sacrifício”, Telmo Amaral de Figueiredo identifica cinco tipos de práticas sacrificiais no Antigo Testamento: Holocausto “**olah**”, Oblação “**minhah**”, Sacrifício de Comunhão “**zebah šelamim**”, Sacrifício sobre o pecado/purificação “**ḥaṭṭa’at**” e Sacrifício de Reparação “**ašam**”. “Em comum, estes cinco tipos de sacrifícios possuem o hábito de se queimar uma parte da vítima sobre o fogo do altar”. Abel teria realizado um sacrifício de oblação “**minhah**”. Segundo o prescrito em Lv 2; 6,14-23, uma parte era queimada no fogo – com o incenso – e uma outra era destinada aos sacerdotes. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/137/139>. Acessado: 15 jun. 2024.

À primeira vista, parece ser Deus injusto, pois ambos apresentaram ofertas, mas a preferência recai sobre Abel. Estaria sendo Deus injusto diante da escolha? Não sabemos. Na narrativa omite qualquer juízo de valor diante do sacrifício. Nota-se que a preferência por Abel provocou a ira em Caim contra a livre escolha divina e, conseqüentemente, essa ira incontida será transmitida ao irmão Abel. Na opinião de Schwantes a oferta de Abel “expressa fartura. Pois as ofertas são manifestações da realidade da vida. Caim não traz mais, porque de fato pouco lhe sobrou depois de pagar os tributos, as taxas, os impostos e os empréstimos. Sobrou-lhe o usual. Abel nada pagou ao templo, ao exército e ao Estado. Tem fartura em sua liberdade” (SCHWANTES, 1989, p. 89).

2.4 Ira: raiz do desejo de vingança

Caim surge como personagem principal. Seu nome, citado treze vezes, liga-se ao clã dos quenitas. No hebraico, a raiz qên se une a uma tribo na região meridional da Palestina (Jz 1,16; 1Sm 15,6). Não é impossível imaginar que um clã que, embora não tenha uma ligação estreita com as doze tribos de Israel, será, por sua vez, portador e defensor do nome divino de Javé. Por outro lado, Abel, liga-se ao “sopro, fumaça”, algo sem muito valor.

No confronto entre os “irmãos”, acompanhamos o conflito entre os agricultores da terra e os pastores. A busca da superação deste conflito irá determinar a quem pertencerá o campo, as terras que oferecem a base de alimentação e o poder

No pecado do homem, a ira assume um papel importante e justificador das ações de Caim (v. 5-6). Esta sua cólera contra Javé justificará sua conduta assassina. Mata-se em nome do divino. Percebe-se a existência de quatro observações feitas por Javé e que não encontram eco por parte de Caim (v.6-7):

“Por que você anda tão irritado e de cabeça baixa? Se você agisse bem, estaria de cabeça erguida. Mas, como não age bem, o pecado está na entrada, pronto para lançar-se sobre você. É a você que ele quer, mas você pode governá-lo”.

Perguntas essas que mostram rígida interjeição à consciência de Caim dominada pela “ira”, chegando a mudar seu comportamento. O silêncio predominante revela o grau da raiva incontrolável, semelhante a um “animal acuado” pronto para atacar. A resposta de Caim virá por seus gestos. A sós, no campo, em companhia de Abel. Longe dos habitantes da casa ou do clã “levantou-se contra seu irmão Abel e o assassinou”, (v. 8). Somente após ter matado seu irmão, Caim responderá a Deus sobre o paradeiro dele, mostrando-se desinteressado pelo destino e sorte do irmão, merecendo, assim, a sentença por parte de Javé de não mais se beneficiar dos bens do solo fértil.

Notamos que a pergunta central “onde está teu irmão? (v. 9), oferece, nesta parte da narrativa, coesão e lógica ao focar a ausência do irmão Abel:

- v 6 - Deus percebe a irritação no rosto de Caim.
v 8 - Caim lançou-se sobre seu *irmão* Abel e o matou.
v. 9 - Deus pergunta “**onde está teu irmão?**”.
v. 9 - Caim se declara não ser “guarda do *irmão*”.
v 10- Deus ouve o “sangue do *irmão*”.

O texto é revelador frente ao ato violento e intolerante praticado pelo irmão Caim. No texto bíblico é possível compreender a origem de todo ato violento: a ira contra o irmão. Essa espiral de violência é histórica. Curioso realçar a visão de mundo dos Maias de Yucatán a respeito da colonização imposta pelos espanhóis. Chamados pelo nome de *dzules*, que significa forasteiros, nos juízos emitidos por Chilam Balam de Chumayel, lemos:

Então tudo era bom
E então (os deuses) foram abatidos.
Havia neles sabedoria
Não havia então pecado...
Não havia então enfermidade,
Não havia dor de ossos,
Não havia febre para eles, não havia varíolas...
Retamente erguido ia seu corpo então.
Não foi assim que fizeram os *dzules*
Quando chegaram aqui.
Eles nos ensinaram o medo, vieram fazer as flores murchar.
Para que sua flor vivesse,
Danificaram e engoliram nossa flor...

E acrescenta mais abaixo:

Castrar o sol!
Isso vieram fazer aqui os *dzules*.
Ficaram os filhos de seus filhos
Aqui no meio do povo,
Esses receberam sua amargura (LEÓN-PORTILLA, 2023, p. 92).

A conclusão é evidente: uma sequência de violência segue sendo praticada e planejada em nome da religião. Diante da sentença, Caim passa a residir em terra improdutiva. O “solo fértil” passa à qualidade de terra improdutiva, diante do sangue do irmão derramado.

2.5 O pecado: marca de Caim fugitivo e construtor de cidade

Em decorrência de seu “grande pecado”. Caim será expulso do “solo fértil” e, uma vez longe de seu clã, está à mercê de qualquer perigo. Corre o risco de ser assassinado. Seu futuro é incerto. Tem uma vida insegura, sem garantia de vida, devido à violência cometida.

O texto não esconde essa consciência de Caim frente a sentença recebida da parte do Senhor e ressalta a fragilidade de sua conduta e de uma cultura baseada na violência. Sem asilo nem proteção, sua vida está em perigo (v. 14).

Mas o deus Javé é fiel ao seu projeto. Não criou o ser humano para que este reproduza o sistema, a espiral da violência. Semelhante ao texto de Gn 3,21, ele vem em auxílio à sua criatura, abrandando sua pena e colocando em Caim “um sinal” (v. 15). Tal sinal, conhecido como tatuagem, identificará Caim como participante de um clã, em que a morte de sangue é vingada sete vezes.

Em torno de Caim, raiz da palavra Quenitas, (Gn 15,19), encontramos cinco gerações indicadas nos versículos 17-24. A narrativa, ao nomear os descendentes aponta o surgimento das cidades e profissões. Salvo a semelhança entre os nomes, Gn 4,17-23, apresenta Caim vivendo em uma realidade contrária a sentença decretada em Gn 4,14. Caim não vive como “um errante fugitivo sobre a terra”, mas como homem sedentário e construtor de cidades (v. 17). Certamente estamos diante de um acréscimo na narrativa, desta vez, apresentando Caim como homem sedentário e construtor de cidades (v. 17). Os nomes surgem ligados a um estilo de vida na pré-história de Israel. Possivelmente, tais profissões apontem para a conhecimento da vida urbana e do trabalho com a pecuária e a agricultura.

Caim aparece ligado a um modelo de vida da cidade (v. 17). A cidade surge como uma instância centralizadora do poder político e concentrador de renda. Os nomes de sua descendência acenam para um estilo de vida mais sedentária, menos nômade. Vejamos:

Henoc – inauguração, dedicação;

Irad (v. 18) evoca o nome da cidade famosa de *Erídu*, localizada ao sudoeste de Ur (Gn 5,15-20);

Maviael – El/Deus que faz viver;

Matusael - Homem de Deus, nome próximo ao ambiente assírio.

Os descendentes de Lamec (v. 19) se identificam aos nomes figurativos, acenam o surgimento de diferentes profissões:

Jabel - condutor, iniciador do trabalho de pastorear ovelhas,

Jubal – carneiro. Indica a profissão de tocador de trompete feito com os chifres dos carneiros e utilizados nos ritos religiosos,

O terceiro filho, decorrente da poligamia de Lamec foi Tubalcain.

Tubal, país conhecido na arqueologia palestinese, na época do bronze médio, por volta de 1200 a. C, pela manufatura progressiva do ferro e Caim, como “forjador, ferreiro”.

Ao nome de Noema (Amável, Graciosa), o texto omite qualquer atribuição profissional. Todavia, o conhecimento destes nomes favorece uma “representação popular das origens da civilização”.

Os versículos 23 e 24 ressaltam a atitude e o discurso de Lamec dito às suas concubinas Ada (Adorno) e Sela (Proteção, sombra). O motivo da crescente onda de conflitos está numa geração erigida no sistema da violência. A frase “Eu matei. “ (v. 23) inaugura um canto de vingança e, ao mesmo tempo, ilustra o sistema de violência predominante no mundo. Nenhum adversário poderá deter Lamec, devido à sua ferocidade. “Eu matei um homem por uma ferida, uma criança por uma confusão” (v. 23) A lei do talião, mais tarde, propiciará gradativamente a diminuição do sistema de violência (Ex. 21,23-25).

A novidade em Gn 4, surgida em torno da nomeação de uma divindade chamada Javé, não se encontra ligada à estrutura da cidade-estado representada por Caim e Lamec; ao contrário, une-se à descendência de Abel, de sua fragilidade, antecipando a atribuição do nome de Deus apresentada em Ex. 3,14. Possivelmente a essas tribos seminômades, vivendo no agreste e distante do modelo de concentração do poder, teve origem o culto prestado pelos descendentes de Abel.

3. Conclusão

Não é em vão que o autor reuniu tradições, costurando-as com a finalidade de dar um sentido único a Gn 4. Por meio das genealogias nota-se que há um processo de civilização que se desenvolve ao longo das narrativas, passando pelas relações do trabalho - pastoreio e agricultura - presentes no rito religioso exposto pela prática dos sacrifícios no sistema de violência representado por Caim e Lamec e, por último, na nomeação do deus Javé. O texto forma uma unidade. Tal unidade começa e termina com o nome do deus Javé (v. 1. 26). As genealogias oferecem certo formato ao texto contendo informes sociais, antropológicos e teológicos. O desfecho final da humanidade não reside na vivência do sistema de violência, pois, apesar dessa relação fratricida, a transmissão do nome divino de Javé às futuras gerações é garantida.

Bibliografia

- BETTO, Frei., **O Diabo na corte**: Leitura crítica do Brasil Atual. São Paulo: Cortez, 2020.
- BOFF, Leonardo (2020). **Covid 19 A Mae Terra contra-ataca a Humanidade**. Advertências da pandemia. Petrópolis: Editora Vozes.
- DE FIGUEIREDO, Telmo Amaral (2016). Por que falar de sacrifício. In: **Estudos Bíblicos**, v. 33, n. 129, pp. 13-27.
- DE GODOY, Edevilson (2021). **O Deus das Vítimas**: revelação e antropologia. São Paulo: Santuário.
- FRANCISCO, Papa (2019). **Laudato Si'**: sobre o cuidado da Terra, São Paulo: PAULUS.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel (2023). **A conquista da América Latina vista pelos indígenas**: relatos astecas, maias e incas. Petrópolis: Vozes.
- PURY, André (Org.) (2002). **O Pentateuco em questão**: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes. Petrópolis: Vozes.
- SCHWANTES, Milton (1989). **Projetos de Esperança**: meditações sobre Gênesis 1-11. Petrópolis: CEBI.
- SOUZA, Jessé (2018). **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- VITÓRIO, Jaldemir (2016). Caim e Abel: duas oferendas – duas atitudes de Deus: uma análise narrativa de Gn 4,1-16 em perspectiva cultural. In: **Estudos Bíblicos**, v. 33, n. 129, pp. 18-44.